



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

EXPERIÊNCIAS CORPORAIS DE MENINOS E MENINAS: O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO?¹

Lisiane Goettens², Maria Simone Vione Schwengber³.

¹ Pesquisa vinculada ao Grupo Paidotribus

² Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí. Docente do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí e Diretora do Centro de Educação Francisco de Assis (EFA).

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Unijuí. Participante do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), vinculado ao PPG-EDU da UFRGS e membro do grupo Paidotribus.

RESUMO

Este artigo, de cunho qualitativo, está situado no campo dos Estudos Gênero e da Educação. Propomos pensar as pedagogias de feminilidades e masculinidades que se instalam na prática da dança escolar. Na cultura ocidental contemporânea, de um modo geral, a dança é marcada e significada como uma prática corporal feminina. Nossas indagações centram-se na forma como se estruturam as estratégias e as negociações utilizadas pelas práticas de dança na escola. Entendemos a dança como uma prática corporal produzida pela/na cultura que ampliou as ramificações das danças escolares, marcando os corpos e narrando de diferentes formas a constituição corporal dos sujeitos. Busca-se analisar as práticas da dança no contexto escolar e compreender as narrativas de professor@s e de menin@s que dançam aproximando corpos, produzindo posições de meninos e meninas solidários que vivenciam o dançar sem se preocupar com o questionamento de suas opções de gênero e de sexo. As práticas da dança escolar, desse modo, lançam os corpos para saírem da solidão, projetando a superação do medo de “não dançar certo” e apostar na vivência lúdica de dois corpos, banhados no ganho das relações de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Práticas escolares. Dança.

Introdução à temática

O mundo em que vivemos proporciona sons, cheiros, cores, paisagens e movimentos diversos, que podem ser observados, tocados, modificados ou mantidos de acordo com nosso olhar e intenção. Sendo assim, o mundo que temos e interagimos passa ser o mundo de experiência de cada sujeito, o mundo cotidiano no qual fazemos história e que intervém em nossas próprias histórias.

Quanto antes uma possibilidade – motora, afetiva, cognitiva ou que agregue esse conjunto em uma só experiência – é apresentada para um sujeito, mais cedo este terá condições de identificar, compreender e agir frente ao que vive. Com isso, não queremos reforçar que a novidade não possa e nem deva continuar acontecendo, pois sempre é tempo de





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

aprender e relacionar outros componentes às nossas experiências corporais de vida, mas quanto antes o processo inicia, mais cedo teremos condições de responder. É por isso, por exemplo, que a criança, antes de externar o que pensa, percebe tudo que está à sua volta e, de modo espontâneo, decide, toca e intenta conhecer o que lhe é apresentado.

Crianças, em geral, intrigam-se e interagem corporalmente com o que está posto. Com personagens ou com amigos imaginários, vão aparecendo os contrastes com o que os adultos entendem como posto e a criança como possível. O adulto tende a excluir a variabilidade, desvenda o mundo de modo mais regrado e se põe em contato com os desafios em menor grau de variação. Como essas percepções se dão em grande parte pelo corpo, a criança realiza esse processo com certa vivacidade e uma autoria ímpar, querendo descobrir o mundo e seus significados.

Algumas escolas ainda não aceitaram que as/os nossas/os alunas/os são seres providos de corpos. Tomamos as palavras de Bento (2005) e assim dizemos que nos assusta o silêncio dos corpos e as tentativas de apagamento dessa forma palpável da linguagem da vida no contexto escolar. Ao querer silenciar os corpos, muitas escolas querem ainda segregar práticas de gêneros, como se fossem perfeitamente definidas as práticas do feminino e do masculino, como se não houvesse pontos de intercomunicação entre esses dois mundos.

Situados os modos de compreender os tempos da existência e da vivência corporal das crianças, cientes do aprender relacional dos corpos escolhemos problematizar as práticas de dança e as relações de gênero como foco deste artigo. Fazemos essa escolha por saber da presença da dança em muitas civilizações e tempos históricos, por ela adentrar no universo humano, por seu poder agregador a qualquer idade e nível econômico, por percebermos nas linguagens das danças a capacidade de suscitar a corporeidade, além dos seus aspectos sensoriais, motores, comunicativos e culturais e por perceber a dificuldade desta abordagem fixar-se como conteúdo do componente curricular de Educação Física.

Metodologia:

A partir da aproximação com um universo escolar, em aulas de dança em turno inverso – projeto de dança - organizamos narrativas discursivas de depoimentos indagando sobre: o que e como se ensina sobre ser menino e ser menina nesse espaço? É oportunizado o desenvolvimento da dança para ambos: meninas e meninos?

Procuramos não intervir nas narrativas. De posse delas, olhamos para as situações escolares procurando compreender as indagações norteadoras da pesquisa. Para tal, acompanhamos durante três meses a professora responsável pelo grupo de dança, de uma instituição particular de ensino, alocada no município de Ijuí/Rs. Os encontros desenvolvidos com as crianças de 6 a 9 anos de idade, num grupo composto por quatorze (14) meninas e um (1) menino, tinham duração de uma hora, uma vez na semana. Totalizamos doze (12) encontros e obtivemos narrativas mantendo contatos com a professora responsável pelo grupo.

Na atual etapa não assistimos a nenhuma aula, sendo que a continuidade desta pesquisa prevê observações e interações com as crianças. As conversas com a professora ocorriam sempre no mesmo dia da aula, em turno inverso a esta e seguiam um diálogo aberto





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

que proporcionava a percepção acerca das situações em que a presença de gênero e dança se evidenciavam. Fizemos a opção de neste artigo não citar cada narrativa selecionada, mas trabalhar com suas significações dentro do enfoque pesquisado.

Procuramos relacionar os dados coletados via narrativas com a compreensão acerca de gênero, com o viés da dança enquanto expressão e comunicação de/entre corpos femininos e masculinos, com as experiências em dança escolar que valorizem o contexto vivido e não apenas as práticas de repetição.

Resultados: Corpos de meninos e meninas entram na dança

Culturalmente, há mais estímulo para a dança na vida das meninas (mulheres) do que na vida dos meninos (homens). As práticas de danças são apresentadas por anos como demarcadoras de uma determinada feminilidade e muitas vezes, convertem-se em performance de gênero, ou seja, estilizam o corpo, repercutindo na aparência e no comportamento de quem dança, produzindo e reproduzindo maneiras específicas de feminilidade.

Nesse sentido, interessa discutir o gênero, pois é uma categoria teórica e analítica criada para explicar como se articulam as relações entre homens e mulheres, meninos e meninas, que ainda possibilita pensar de como essas relações são efeitos de estratégias educativas. Faz-se importante pensar como a escola age, valoriza, nomeia determinados comportamentos como (modos de ser) de meninas e meninos.

As identidades de gênero (assim como as raciais) são produzidas por meio de repetidos enunciados performativos, inserem-se num campo de lutas dos atores (meninos e meninas) por poder de significações. Definir-nos por ser homem ou mulher faz parte de um amplo processo cultural. É nesse sentido e sob essa perspectiva conceitual que faz sentido compreender os sujeitos (as crianças) e as práticas educativas de gênero e aqui da dança escolar.

Gênero é uma categoria conceitual que traz à tona a compreensão de que ninguém nasce mulher/homem, menino/menina, e que essas condições são produzidas pela história e pela cultura, não são fundadas apenas na ordem da natureza (corporal), e sim da ordem do vir-a-ser e do fazer, da produção (LOURO, 1997; MEYER, 2004). É “a civilização como um todo que produz” a posição de gênero (BEAUVOIR, 1988, p. 301).

Para Butler (1999), é por considerar a força do agenciamento e das possibilidades de performatividades – impregnadas em nossa cultura de gênero por esse poder civilizatório e pelos efeitos associados a ele – que utilizaremos essas dimensões na análise, que procuraremos evidenciar como meninos e meninas podem ser produzidos pela dança na escola hoje. Acreditamos, pois, que no universo da dança escolar é possível circular tanto as dimensões femininas como masculinas.

Dançando, as relações de feminilidade e de masculinidade vão se (re)elaborando, corpos em comunicação não verbal vão pouco a pouco suscitando expressões de sensualidade, sensibilidade e crítica.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Os corpos femininos ou masculinos não tomam o que é do outro. Esses corpos relacionam-se e fazem dessa relação algo possível, que se equilibra em modos de ser feminino e ser masculino, que em certos aspectos são próximos e, por que não dizer, idênticos. Ao dançar, marcamos as trocas pela e com a presença corporal, que requer entrega. Afeto e disponibilidade vão encarnando corpos que saem da lógica que ensina a ser homem e a ser mulher em tempos atuais e efetivam a possibilidade de ser homem e ser mulher que se relacionam corporalmente e singularmente, em uma mescla do que a relação de gêneros lhes provoca e constrói.

Segundo Dantas (1999, p. 33), “[...] quando homens e mulheres dançam, seus movimentos são consequência de experiências anteriores. [...] Do mesmo modo pode-se criar técnicas pessoais, que reinventarão gestos, passos e movimentos, propiciando um modo particular de dançar.”. Percebe-se, pois, que de sociedade em sociedade, de linguagens em linguagens, há maneiras eleitas para ser e para agir corporalmente. Dançando, os códigos podem ser recriados, dando condições de reflexão e construção de significados a si e ao outro, ao masculino e ao feminino em interação, em que os corpos, unidos a um objetivo, tornam possível uma comunicação corporal

Conclusão: por um espaço para todos

As narrativas coletadas, a cultura e as bibliografias remetem a concluir que a escolarização, o disciplinamento do corpo e a produção de uma feminilidade e uma masculinidade pela escola acontecem muitas vezes de forma sutil, mas muito eficiente. O que porventura for experimentado na alternância logo será questionado, senão esquecido. Meninos jogam, meninas brincam de casinha; meninos correm, meninas não se sujam; homens enfrentam-se em caso de conflito, mulheres choram. O que vier no contraponto chama a atenção.

Entendemos que a convivência entre gêneros, em dança na escola, estará sob grande medida na possibilidade da acolhida de quem ocupa o posto de professor@ sabendo ler o que os corpos falam, permitindo ser, fornecendo um espaço social de acesso à vivência relacional entre homens e mulheres.

O reconhecimento de que a construção social influi nos modos de ser mulher e ser homem é um debate grande, que não se esgota aqui. Repensar identidades e projetar ambientes sociais com menor segregação entre gêneros não se faz com rapidez; se faz construindo significados para quem experimenta, para quem se permite ou ganha espaço para se permitir. Enfim, longe de concluir, fica muito mais o desejo de pensarmos a democratização da dança, a defesa de que a dança na escola possa se inspirar em novas formas de trabalhar e de organizar os corpos de meninos e meninas.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
BENTO, Jorge. Outro lado do desporto. Porto: Campo das Letras Editores, 2005.
BUTLER, Judith. Problemas de gênero. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

DANTAS, Mônica. Dança: o enigma do movimento. Porto Alegre: UFRGS, Ed. Universidade, 1999.

KING, Stephen Michael. Pedro e Tina: uma amizade muito especial. São Paulo: Brinque-Book, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes;

NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2004.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (org.). Gênero plural. Curitiba: UFPR, 2002. p. 33-46.